

**Os romances cor-de-rosa e a formação de
leitoras: memórias e histórias³**

*Novels in pink and the formation of female
readers: memories and stories*

*Las novelas color de rosa y la formación de
lectoras: memorias e historias*

Alzira Queiroz Gondim Tude de Sá⁴

³ Recebido em 25/08/2022, versão aprovada em 25/11/2022.

⁴ Doutora em Ciência da Informação pela UFBA (2016). LATTES ID: <http://lattes.cnpq.br/8179247092679836>. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-8628-0300>. Email: alziratude@gmail.com.

RESUMO

Este artigo discorre sobre um percurso da história da leitura, registrando que há motivações históricas para o ato de ler, como há registros da sua proibição. Destaca o papel fundamental exercido pelos romances na formação da mulher leitora, especialmente os romances cognominados de romances cor-de-rosa. Aborda sobre as proibições impostas pelas elites sociais e religiosas às leituras das mulheres, como aponta para o papel da literatura na criação e sedimentação, no imaginário social, do estereótipo da mulher leitora frágil, fútil e romanticamente sensível. Aponta para as mudanças ocorridas na contemporaneidade e para o compromisso que deve ser assumido pelos profissionais da informação no que concerne a socialização do direito ao livro e à leitura. Inseridas e inseridos que somos, faz-se necessário que tenhamos uma visão histórica, crítica e analítica do vivido, da nossa formação como leitores e leitoras.

PALAVRAS-CHAVE: leitura e sexualidade; leitura e empoderamento feminino; papéis de gênero e leitura; cultura da leitura feminina.

ABSTRACT

This article discusses a course in the history of reading, noting that there are historical motivations for the act of reading, as there are records of its prohibition. It highlights the fundamental role played by the novels in the formation of the woman reader, especially the novels called “rose-colored novels” in Brazil, like a female gender of reading. It addresses the prohibitions imposed by the social and religious elites on the reading of women, as it points to the role of literature in the creation and sedimentation, in the social imaginary, of the stereotype of the fragile, futile and romantically sensitive woman reader. It points to the changes that have taken place in contemporary times and to the commitment that must be assumed by information professionals with regard to the socialization of the right to book and reading. Inserted and inserted that we are, it is necessary that we have a historical, critical and analytical view of the experience, of our formation as readers.

KEYWORDS: reading and sexuality; reading and female empowerment; gender roles and Reading; culture of women's reading.

RESUMEN

Este artículo aborda un curso de historia de la lectura, señalando que existen motivaciones históricas para el acto de leer, así como existen registros de su prohibición. Destaca el papel fundamental que juegan las novelas en la formación de la mujer lectora, especialmente las novelas llamadas “novelas color de rosa” en Brasil, como género femenino de lectura. Aborda las prohibiciones impuestas por las élites sociales y religiosas a la lectura de las mujeres, pues apunta al papel de la literatura en la creación y sedimentación, en el imaginario social, del estereotipo de la mujer lectora frágil, fútil y románticamente sensible. Señala los cambios que se han producido en la contemporaneidad y el compromiso que deben asumir los profesionales de la información con respecto a la socialización del derecho al libro ya la lectura. Insertados e insertados que estamos, es necesario que tengamos una mirada histórica, crítica y analítica de la experiencia, de nuestra formación como lectores.

PALABRAS CLAVE: lectura y sexualidad; lectura y empoderamiento femenino; roles de género y lectura; cultura de lectura de mujeres.

UM PRÓLOGO

Sobre os romances cor-de-rosa, cabe-nos discorrer sobre o seu cognome, designação, que já nos remete ao passado. Não a ouvimos ou a pronunciamos, há muito. Instiga-nos sem dúvida rever o porquê da sua existência e assim entramos no território da memória, certos de que sem as balizas temporais que são principalmente, a origem e o acontecimento, nenhuma identificação é possível.

Partindo da premissa de que não há identidade sem memória e sem história e que, na opinião de quando queremos saber de nós mesmos é na memória que encontramos as respostas, aqui estamos tentando, narrar fragmentos da história de homens e mulheres leitoras, embarcando em uma viagem, na qual poderemos quem sabe, encarar a vida presente com mais esperança, com mais e mais leitores e leitoras. A história de que lhes falo é a história da leitura, de leitores que como nós ou como tantos, lutaram por este direito e ainda lutam pela liberdade de escolha, pelo pensamento livre e aberto.

LEITURA, LEITORES, LEITORAS, HISTÓRIAS E MEMÓRIAS

A história da leitura registra que há motivações históricas para o ato de ler, como há registros da sua proibição. Como se fosse natural que a palavra escrita ao penetrar na intimidade do leitor o faz agir, mover-se por lugares e caminhos que só ele é capaz de escolher e trilhar. Tal afirmação segundo Manguel (1997), nos faz pressupor que o ato de ler, ao ser exercido, abre espaço, cria liberdade e, portanto precisa ser conduzido, vigiado, punido, muitas vezes. Essa forma de pensar a leitura e as suas possibilidades de transformação do homem, norteou a cultura ocidental e não só se aplicava ao universo feminino, mas às classes operárias, artesãos, aos escravos, aos funcionários de escritórios, à gentilha.

Ao escrever sobre a formação do público leitor no século XIX, Lyons (1999, p. 166), aponta para o fato de que “os novos leitores do século XIX eram uma boa fonte de lucro, mas também provocavam ansiedade e inquietação entre as elites sociais” daí atribuir-se as revoluções do ano de 1848, à disseminação de obras subversivas e socialistas as quais tiveram acesso os trabalhadores urbanos e os camponeses. Essa foi também a época de expansão dos romances e da ampliação do público leitor, principalmente do público leitor feminino.

Lyons (1999) situa esses novos leitores predominantemente na Inglaterra, despertavam na classe média um misto sentimento de espanto e de temor. Era necessário que se tivesse um controle sobre o que liam, controle que era exercido pelas elites sociais, religiosas, pelas bibliotecas circulantes cujos acervos eram formados por obras de cunho

moralista ou edificante, pelos clássicos, funcionando como um instrumento de controle de quem se esperava a garantia da harmonia social.

Essas bibliotecas tinham um objetivo filantrópico e político: eram um instrumento de controle social, concebidas para incorporar uma elite operária bem-comportada ao sistema de valores da classe governante. Estudioso da questão, Lyons (1999, p. 186) afirma que havia, no entanto “muita resistência dos leitores contra as tentativas das bibliotecas de fornecer literatura moralista ou edificante.” A essas leituras impostas, sobrepujaram-se as leituras secretas que como uma forma de resistência ao cerco instituído, eram praticadas “pelos leitores operários que se esforçavam por formar uma cultura literária própria, livre do controle da burguesia, do catolicismo ou da burocracia” (LYONS, 1999, p. 187).

Se fôssemos abordar sobre o tema da clandestinidade presente em toda a história do livro e da leitura, teríamos de retornar a um momento marcante, ao Século XVI. Ao momento do interrogatório de Domenico Scandella - o moleiro Menocchio - um aldeão do burgo de Montereale, cujas leituras o indiciaram perante a inquisição, cuja vida foi trazida à luz da história por Ginsburg (2006), em sua obra **O queijo e os vermes**.

As leituras de Menocchio e a interpretação pessoal que ele dava aos textos lidos, foram responsáveis pelas idéias que cultivava e difundia, afastadas, todas elas, da ortodoxia católica que o condenou à morte na fogueira da Inquisição. Ginsburg, ao trazer à cena Menocchio, dá mostras de que a história que se apoia unicamente em fatos e ou documentos oficiais não dá conta das histórias e anseios individuais que se escondem atrás dos acontecimentos cotidianos.

São conhecidas também as pesquisas históricas desenvolvidas por Chartier (1996), sobre a *Bibliothèque Bleu* e seus leitores, assim como as pesquisas de Daniel Roche, Jean Hébrard entre outros, sobre leitores populares, do século XVI ao XIX, que, em sua maioria autodidatas, se apropriaram de textos de circulação restrita a grupos sociais mais familiarizados com a cultura escrita. A partir de seu instrumental mental e cultural específicos, fizeram usos e interpretações peculiares, por vezes conflitantes com aqueles idealizados pelos seus autores.

Historicamente, a leitura nunca foi uma prática encorajada, pelo menos de uma forma generalizada entre as classes, e muitos menos entre os gêneros. Seus efeitos, considerados perniciosos, foram tidos como os responsáveis pela falta de popularização dessa prática que se restringia ao clero, às classes sociais mais elevadas. Muitas estratégias foram utilizadas, nas mais diferentes épocas, para condicionar ou mesmo reprimir os leitores e as

suas leituras, numa interdição que articulada em cada época, primava pela manutenção ou subversão das hierarquias culturais ou entre homens e mulheres. Segundo Belo (2002, p. 56), “as classes populares, as mulheres e as crianças foram grupos sistematicamente considerados como desprovidos de autonomia para escolherem e fazerem por si mesmos suas leituras, necessitando do acompanhamento de padres, pais ou tutores”.

Ou seja, leituras mediadas por leitores autorizados. Essa visão controladora e paternalista dos leitores fez com que bibliotecários, padres, professores funcionassem como intermediários no acesso aos livros. Ao exercerem esse papel, procuravam desviar o público leitor de certas obras, principalmente dos romances ou qualquer obra de entretenimento, conduzindo suas leituras para aquelas consideradas mais sérias e úteis à formação moral e religiosa.

As imagens construídas e que povoam o imaginário coletivo do que seja o ato de ler, foram gravadas por pintores e fotógrafos, apontando essas representações para o conceito que se tinha de leitor: Homens bem-vestidos, pois os homens da elite tinham a liberdade de ler jornais, obras científicas tanto em casa como em lugares públicos o que não era permitido às mulheres, representadas sempre em atitudes proibidas ou no interior de suas casas, em lugares íntimos e aconchegantes. No recôndito do lar.

ANTIGOS MODOS DE LER: O ROMANCE E AS MULHERES

Essa forma de pensar, controlar e proibir a leitura, não só a leitura feita pelas mulheres tem uma longa história, como estamos trazendo alguns dos seus fragmentos. O acesso aos livros e a leitura não era permitido a todos, muito menos um privilégio feminino. E a figura da mulher leitora entra em cena como aquela que vai atrás do sentido da própria vida nas páginas de um livro. No romance. E a leitura de romances, pelas mulheres, muitas vezes feita em segredo, era vista como um descaminho. Uma perdição.

O gênero romance, entendido como uma história de amor e aventura, segundo Manguel (1997, p. 256), já existia entre os gregos e destinava-se provavelmente a uma platéia, predominantemente feminina, onde “o tema era amor e aventura; o herói e a heroína eram sempre jovens, belos e bem-nascidos; a desgraça caía sobre eles, mas o final era sempre feliz [...]”. No entanto para que possamos entender com maior propriedade a relação feminina com as práticas leitoras, vale ressaltar que o romance começou a ganhar prestígio na sociedade burguesa do século XIX, tempo do nascimento do Romantismo, estreando nos jornais da Europa, e publicado com o nome de *roman-feuilleton* (romance-folhetim). E mesmo não sendo

as mulheres suas únicas leitoras, estas eram consideradas o alvo principal desse gênero romanesco, que foi cognominado de literatura *cor de rosa* por suas narrativas girarem em torno do amor sentimental. O que prevalece na leitura literária **cor-de-rosa** é o pacto narrativo estabelecido entre a leitora e esse tipo de literatura. no qual ela é conduzida a uma situação de cumplicidade em relação a ideia de que os protagonistas nasceram um para o outro e serão felizes para sempre.

Lyons (1999) considera que apesar da grande aceitação do folhetim pelos leitores, a preferência por este gênero pelas mulheres só confirma as restrições da época para esse tipo de leitura: frívola, sentimentalista e limitada, O romance era a antítese da literatura prática e instrutiva.

Os jornais, com reportagens sobre eventos públicos, pertenciam geralmente ao domínio masculino; os romances, que tratavam da vida interior, eram parte da esfera privada à qual eram relegadas as mulheres burguesas do século XIX. E ademais, o romance surge como um “inimigo” para a continuidade da cultuação dos costumes da época, uma vez que as mulheres poderiam deixar de realizar suas atividades domésticas para ler: “Descascar batatas, bordar, fazer pão e sabão eram tarefas que não deixavam tempo livre para a recreação, na lembrança de muitas mulheres operárias” (LYONS,1999, p. 170).

Porém, para estas mulheres, os romances-folhetins serviam como um bálsamo para a enfadonha rotina doméstica e muitas delas, para ter acesso aos *roman-feuilleton*, recortavam os capítulos e os encadernavam, de modo que, ao se reunirem com outras leitoras, permutavam e emprestavam suas cópias.

Moldando uma certa visão das mulheres e do mundo, o romance, ao mesmo tempo em que alimentava o imaginário das leitoras, inculcava-lhes normas, valores e condutas que plasmavam, via leitura, a construção de uma sensibilidade romântica feminina. Ao mesmo tempo em que as mulheres eram consideradas como criaturas de capacidade intelectual limitada, frívolas e emotivas, elas se tornaram o principal alvo da ficção romântica e o público leitor mais relevante para os romancistas. Ao mesmo tempo em que essa literatura ficcional, fruto da imaginação lhes era dirigida, pois exigia pouco de seu leitor, por esse público dispor de tempo ocioso e por ser o romance uma leitura feminilizada, ela passou a ser vista e temida “como um forte perigo para a moral, especialmente a das mulheres e das moças” (ABREU, 2002, n.p.).

A leitura de romances foi, através dos séculos, um ato proibido. Os efeitos perniciosos atribuídos à leitura até meados do século XIX, limitavam a sua prática. Quando

essa prática era exercida pelas mulheres, a ordem do dia era desconfiança, proibição e controle. Aos homens era permitida e dirigida, apesar de vigiada, a leitura dos clássicos, da Bíblia, leituras filosóficas, científicas. Às mulheres, as novas leitoras, “novas formas de literatura foram concebidas para seu uso “livros de cozinha, revistas e, sobretudo o romance popular barato” (LYONS,1999, p. 171).

Diz Abreu (2002), que se acreditava que as mulheres eram “governadas pela imaginação e inclinadas ao prazer” e, portanto estariam, ao ler romances, fadadas às desordens do coração e piores que essas, às desordens do corpo. Essa prevalência da imaginação sobre a razão desestabilizava e estrutura da família burguesa onde pais, irmãos, maridos temiam que as cenas descritas nos romances, mergulhadas na subjetividade, na vida interior de seus personagens, pudessem incitar suas mulheres a paixões romanescas, a situações pecaminosas, ao erotismo que ameaçava a castidade e a ordem.

Temiam esses homens que as mulheres levassem ao limite a relação entre leitura e experiência prática e que a leitura fosse para elas um determinante da realidade e vice-versa, porque para eles, “supor-se no lugar de uma adúltera era quase tão grave quanto praticar o adultério” (ABREU, 2002, n.p.). Era necessário vigiar as leituras femininas e muitas vezes proibi-las, por serem consideradas como uma armadilha para a perdição.

A MULHER LEITORA: REPRESENTAÇÕES

A própria literatura romanesca, ao representar suas personagens, leitoras de romances como vulneráveis, sonhadoras, emotivas, dissimuladas, alimentou o imaginário masculino com o arquétipo da transgressão moral - o adultério - encarnado por Ema Bovary, personagem do romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, uma “**leitora que se perde na leitura**”. Nesse clima de suspeição e controle vivia mergulhado o mundo da leitura e dos leitores no século XIX.

No Brasil, a entrada do romance sentimental se dá no mesmo período, em fins do século XIX, com o movimento romântico. A representação da mulher leitora, aqui pelos trópicos, “talvez seja mais bem vista ao se observarem as entrelinhas de romances oitocentistas onde por entre suspiros, lágrimas e serões os ficcionistas brasileiros pavimentaram a frágil história de **suas** fráglimas leitoras” (LAJOLLO, 2003, p. 247, grifo do autor). Sobre leitoras, representadas no universo ficcional brasileiro do século XIX, Queiroz (1997, p. 94), sob a ótica dos estudos de gênero, também chama a atenção para o jogo das representações nos discursos

de Machado de Assis e José de Alencar, onde a leitura de romances era minimizada “em função basicamente do público leitor, configurado sob duas categorias: a dos homens que lêem “**tratados científicos e legais**” e a das mulheres que lêem romances estrangeiros, folhetins e as matérias dos jornais de família”.

Para Lajolo (2003, p. 247), nesses autores, “encontraremos situações que deixam a leitora em uma posição meio criminalizada, como se ler romances condenasse a mulher ao banco de réus”. Aos romances franceses, atribuía-se a revolta e o sonho de personagens leitoras. Aloísio de Azevedo representa uma personagem, no romance **A condessa de Vésper**, cujos livros que “a protagonista lê influencia negativamente no seu modo de vida [...] entre eles, **A Dama das Camélias**”. Adolfo Caminha, escritor cearense, autor do romance **A Normalista**, também representa uma personagem leitora que se entretém com leituras de romances proibidos. “**O Primo Basílio**, de Eça de Queirós [que] a introduz no mundo da sexualidade.”

Nas primeiras décadas do século XX até seus meados, entre as décadas de 1940 e 1960, os romances eram vendidos para as moças da classe média, em livrarias, por intermédio de coleções, cujo maior expoente, foi, com certeza, a **Coleção Biblioteca das Moças**, uma coleção de romances que se constituiu em um tipo de leitura muito popular, consumida principalmente, por mulheres jovens. Esses romances, em geral ambientados na França, foram traduzidos e editados pela Companhia Editora Nacional (SP) e colocados à venda em todo o país, com ampla propaganda, sob o título **Coleção Biblioteca da Moças**, caracterizada esta literatura como uma “literatura cor-de-rosa”.

Os autores mais conhecidos dessa Coleção eram um casal de irmãos franceses que utilizavam o pseudônimo M. Delly destacando-se entre os títulos mais vendidos dessa “autora” os livros **Magali** (10ª edição, 1956); **Freirinha** (6ª ed., 1947), **Meu vestido cor do céu** (6ª ed., 1960). Nesses romances narrava-se a trajetória de moças exemplares, da meninice ao casamento, em um clima de encantamento e fantasia, típicos dos contos de fadas, nos quais se assegurava à leitora curiosa o benefício de um final feliz. Sua fórmula de sucesso obedecia a modelos infalíveis, seja lidando com um sentimento caro às mulheres, o amor, seja mostrando um imaginário romântico através de descrições de personagens jovens, bonitos e ricos, movendo-se em um cenário atingível apenas pela fantasia, pela imaginação.

Um pouco mais adiante no tempo, em 1956, meados do século XX, no romance **Gabriela, cravo e canela**, de Jorge Amado que se passa no ano de 1925, a representação da leitora mulher ainda se baseia numa pedagogia de leitura para o público feminino que o submete ao crivo da moral religiosa e dos valores sociais vigentes. A essa leitora não é concedida a

autonomia de escolha das suas leituras que ainda permanecem tuteladas pelo elemento masculino: pais, irmãos, sacerdotes, responsáveis pelo estabelecimento e manutenção da moral e da ordem social e religiosa.

Lá em casa tem “O crime do Padre Amaro”. Peguei pra ler, meu irmão tomou, disse que não era leitura pra moça... --- o irmão era acadêmico de medicina na Bahia. **E por que ele pode ler e você não?** --- cintilaram os olhos de Malvina, aquela estranha luz rebelde. **–Tem o crime do Padre Amaro, seu João?** (AMADO, 1995, p. 175, grifo nosso).

O diálogo estabelecido entre Iracema, uma das jovens estudantes freqüentadora da Papelaria Modelo e Malvina aponta para o não exercício do poder da escolha de suas leituras, como para o caráter transgressor a elas atribuído. Aponta também para o caráter de rebeldia da personagem transparecido nos seus olhos ao folhear na Papelaria Modelo um romance proibido. Um crime, ler um romance realista, a história de um pároco português que se envolve sexualmente com a filha de sua hospedeira e com ela tem um filho. O romance é um libelo contra a vida provinciana e a hipocrisia social e religiosa de sua época. “**O crime do Padre Amaro**”, de Eça de Queirós.

Em tempos de outro Brasil, dos anos 60, em pleno regime militar, os romances sentimentais, de Corin Tellado, escritora espanhola, conhecidos como já sabemos, como **romances cor de rosa**, eram vendidos a preços populares, em bancas de revista e representaram uma grande aposta do regime na repercussão de certos valores, que na óptica das classes dirigentes, eram considerados condizentes com a nova ordem social. Estes romances contribuíram para cristalizar visões de mundo e modelar condutas a partir dos usos de um imaginário romântico que foi apropriado pelas elites brasileiras para a consolidação de um sistema autoritário.

UM FINAL...

O tempo passou. Mudanças, avanços, tecnologias. A mudança do tempo e o avanço da tecnologia conseguiram mudar não por completo a imagem em torno do ato de ler. Os leitores e leitoras encontraram outras formas, e outros modos de ler. Sua representação em casas, bibliotecas, parques, jardins, metrô, distanciamos de toda espécie de preconceito quanto a sua forma, estilo ou autoria, não exime o fato de que pela leitura perpassam outras questões.

Diante do avanço democratizador dos modos de ler resta-nos saber e discutir sobre a democratização e acesso aos livros e muito mais a conceituação de leitor que passa por

questões que vão da indução da escolha e do gosto, do acesso ao livro, às instâncias legitimadoras do literário, questões sociais, políticas, econômicas. Ora escamoteando, ora de forma explícita, esdrúxula até, o homem/mulher/leitor/leitadora vem ao longo do tempo enfrentando e encontrando outras formas de ler, as quais, historicamente, têm sido agregadas valor e poder, inclusão e exclusão. Modos diferentes do passado, outras escolhas, fazem parte da nossa realidade de hoje, virtual e eletrônica, irreversível e versátil que exige de nós uma outra postura, dessacralizadora.

Aos leitores e leitoras, não só os romances cor-de-rosa e não só os clássicos, aqueles que para Borges (1993, p. 206) não possuem “[...] necessariamente tais ou quais méritos [mas para todos], um livro que as gerações dos homens unguídos por razões diversas, leiam com prévio fervor e com uma misteriosa lealdade”.

E retomando o que de início e até aqui ressaltamos, fica evidente e assim considera Chartier (1992), que a leitura como uma prática social historicamente situada, tanto constrói novas representações sobre o social como repercute visões consolidadas pela ordem dominante. Inseridas e inseridos que somos, faz-se necessário que tenhamos uma visão histórica, crítica e analítica do vivido, da nossa formação como leitores e leitoras, para que possamos, numa outra perspectiva, talvez encarar a vida presente com mais esperança de que, em novos e múltiplos leitores possamos despertar o “prévio fervor e uma misteriosa lealdade aos livros” que, através de nós, lhe cheguem às mãos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. **Diferentes formas de ler**. Unicamp, Campinas, 2002. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>. Acesso em: 9 mar. 2023
- AMADO, J. **Gabriela, cravo e canela**: crônica de uma cidade do interior. 77. ed. São Paulo: Record, 1995.
- BELO, A. **História & livro e leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- BORGES, J. L. Sobre os clássicos. *In*: **Nova antologia poética**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- GINSBURG, C. **O queijo e os vermes**; o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.
- CHARTIER, R. (Org.) **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

LAJOLLO, M. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

LYONS, M. Os novos leitores no século XIX: Mulheres, crianças, operários. *In*: CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Org.) **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

QUEIRÓZ, V. Crítica, leitora, experiência. *In*: QUEIRÓZ, V. **Crítica literária e estratégias de gênero**. Niterói: EDUFF, 1997.

VERSÃO INTEGRAL EM LÍNGUA INGLESA**Novels in pink and the formation of female readers: memories and stories ⁵***Alzira Queiroz Gondim Tude de Sá⁶***A PROLOGUE**

About novels in pink, that is, the production of novels for the female audience, which predominated in the 19th century, it is up to us to discuss their cognomen, designation, which already takes us to the past. We haven't heard or spoken it for a long time. It undoubtedly instigates us to review the reason for its existence and thus we enter the territory of memory, certain that without the temporal beacons that are mainly the origin and the event, no identification is possible.

Starting from the premise that there is no identity without memory and without history and that, in the opinion of when we want to know about ourselves it is in memory that we find the answers, here we are trying to narrate fragments of the history of men and women readers, embarking on a journey, in which we will be able, who knows, to face the present life with more hope, with more and more readers. The story I'm talking about is the story of reading, of readers who, like us or like many others, fought for this right and still fight for freedom of choice, for free and open thinking.

READING, READERS, READERS, STORIES AND MEMORIES

The history of reading records that there are historical motivations for the act of reading, as there are records of its prohibition. As if it were natural that the written word, when penetrating the reader's intimacy, makes him act, move through places and paths that only he can choose and following. This statement, according to Manguel (1997), makes us assume that the act of reading, when exercised, opens space, creates freedom and, therefore, needs to be conducted, monitored, punished, many times. This way of thinking about reading and its possibilities for transforming men, guided Western culture, and not only applied to the female universe, but to the working classes, artisans, slaves, office workers, and the common people.

⁵ Received on 08/25/2022, version approved in 11/25/2022.

⁶PhD in Information Science from UFBA (2016). LATTES ID: <http://lattes.cnpq.br/8179247092679836>.
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-8628-0300>. Email: alziratude@gmail.com.

When writing about the formation of the reading public in the 19th century, Martyn Lyons (1999, p. 166), points to the fact that “the new readers of the 19th century were a good source of profit, but also caused anxiety and disquiet among people. social elites” hence the 1848 revolutions were attributed to the dissemination of subversive and socialist works to which urban workers and peasants had access. This was also the time for the expansion of novels and the broadening of the reading public, especially the female readership.

Lyons (1999) locates these new readers predominantly in England, awakening in the middle class a mixed feeling of astonishment and fear. It was necessary to have control over what they read, control that was exercised by the social and religious elites, by the circulating libraries whose collections were formed by works of a moralistic or edifying nature, by the classics, functioning as an instrument of control of those who were expected to the guarantee of social harmony.

these libraries they had a philanthropic and political purpose: they were an instrument of social control, designed to incorporate a well-behaved working elite into the ruling class's value system. A scholar of the issue, Lyons (1999, p.186) states that there was, however, “a lot of resistance from readers against attempts by libraries to provide moralistic or edifying literature.” These imposed readings were superimposed on secret readings that, as a form of resistance to the instituted siege, were practiced “by working-class readers who strove to form their own literary culture, free from the control of the bourgeoisie, Catholicism or bureaucracy” (LYONS, 1999, p187).

If we were to address the issue of clandestinity present throughout the history of books and reading, we would have to return to a remarkable moment, the 16th century. At the time of the interrogation of Domenico Scandella - the miller Menocchio - a villager from the village of Montereale, whose readings had indicted him before the inquisition, whose life was brought to the light of history by Carlo Ginsburg (2006), in his work *The cheese and the worms*.

Menocchio's readings and the personal interpretation he gave to the texts he read were responsible for the ideas he cultivated and spread, all of them far removed from the Catholic orthodoxy that condemned him to death at the stake of the Inquisition. Ginsburg, by bringing Menocchio to the scene, shows that the story that is based solely on facts and/or official documents does not account for the stories and individual desires that are hidden behind everyday events.

The historical research carried out by Roger Chartier (1996) on the **Bibliothèque Bleu is also known**, and their readers, as well as research by Daniel Roche, Jean Hébrard, among others, on popular readers, from the 16th to the 19th century, who, mostly self-taught, appropriated texts whose circulation was restricted to social groups more familiar with the culture. writing. From their specific mental and cultural instruments, they made peculiar uses and interpretations, sometimes conflicting with those idealized by their authors.

Historically, reading has never been encouraged, at least in a generalized way across classes, let alone across genders. Its effects, considered pernicious, were held responsible for the lack of popularization of this practice, which was restricted to the clergy, to the higher social classes. Many strategies were used, in the most different times, to condition or even repress readers and their readings, in a ban that articulated in each time, excelled in the maintenance or subversion of cultural hierarchies or between men and women. According to Belo (2002, p.56), “[...] the popular classes, women and children were groups systematically considered as devoid of autonomy to choose and do their own readings, requiring the accompaniment of priests, parents, or tutors”.

That is, readings mediated by authorized readers. This controlling and paternalistic view of readers made librarians, priests, teachers function as intermediaries in accessing books. By exercising this role, they sought to divert the reading public from certain works, mainly from novels or any entertainment work, leading their readings to those considered more serious and useful for moral and religious formation.

The constructed images that populate the collective imagination of what the act of reading is were recorded by painters and photographers, pointing these representations to the concept that one had of the reader: Well-dressed men, because elite men had the freedom to reading newspapers, scientific works both at home and in public places, which was not allowed to women, always represented in prohibited attitudes or inside their homes, in intimate and cozy places. In the recess of the home.

ANCIENT WAYS OF READING: THE NOVEL AND WOMEN

This way of thinking, controlling, and prohibiting reading, not only reading by women has a long history, but we are bringing some of its fragments. Access to books and reading was not allowed to everyone, much less a female privilege. And the figure of the woman reader enters the scene as one who goes after the meaning of her own life in the pages

of a book. In the novel. And the reading of novels by women, often done in secret, was seen as a mistake. A perdition.

The romance genre, understood as a story of love and adventure, according to Manguel (1997, p. 256), already existed among the Greeks and was probably intended for an audience, predominantly female, where “the theme was love and adventure; the hero and heroine were always young, beautiful and high-born; misfortune befalls them, but the end is always happy...”. However, so that we can better understand the female relationship with reading practices, it is worth mentioning that the novel began to gain prestige in nineteenth-century bourgeois society, the time of the birth of Romanticism, debuting in newspapers in Europe, and published with the name of *roman-feuilleton* (novel-feuilleton.). And even though women were not its only readers, they were considered the main target of this novelistic genre, which was nicknamed **rose-colored literature** because its narratives revolved around sentimental love. What prevails in **pink literary reading** is the narrative pact established between the reader and this type of literature. in which she is led to a situation of complicity in relation to the idea that the protagonists were born for each other and will be happily ever after.

Lyons (1999) considers that despite the wide acceptance of serials by readers, the preference for this genre by women only confirms the restrictions of the time for this type of reading: frivolous, sentimental, and limited, the novel was the antithesis of practical and instructive literature.

Newspapers, with reports on public events, generally belonged to the male domain; novels, which dealt with the inner life, were part of the private sphere to which nineteenth-century bourgeois women were relegated. Furthermore, the novel appears as an “enemy” for the continuity of the cult of the customs of the time, since women could stop carrying out their domestic activities to read: “Peeling potatoes, embroidering, making bread and novels in pink were tasks that they left free time for recreation, in the memory of many working women” (LYONS, 1999, p.170).

However, for these women, the serial novels served as a balm for the boring domestic routine and many of them, to gain access to the *roman-feuilleton*, cut out the chapters and bound them, so that, when they got together with other readers, they exchanged and lent their copies.

Shaping a certain vision of women and the world, the novel, while it fed the readers' imagination, instilled in them norms, values and conduct that shaped, via reading, the

construction of a feminine romantic sensibility. While women were creatures of limited intellectual capacity, frivolous and emotional, they became the main target of romantic fiction and the most relevant readership for novelists. While this fictional literature, fruit of the imagination, was addressed to them, as it demanded little from its reader, because this public had idle time and because the novel was a feminized reading, it began to to be seen and feared “as a strong danger to morale, especially that of women and girls” (ABREU, 2002).

The reading of novels was, down through the centuries, a forbidden act. The pernicious effects attributed to reading until the mid-nineteenth century limited its practice. When this practice was carried out by women, the order of the day was distrust, prohibition, and control. Men were allowed and directed, although supervised, to read the classics, the Bible, philosophical and scientific readings. For women, the new readers, “new forms of literature were conceived for their use “cookbooks, magazines and, above all, the cheap popular novel” (LYONS,1999, p. 171).

Abreu (2002) says that it was believed that women were “*governed* by imagination and inclined to pleasure” and, therefore, when reading novels, they would be doomed to disorders of the heart and worse than these, to disorders of the body. This prevalence of imagination over reason destabilized the bourgeois family structure where fathers, brothers, husbands feared that the scenes described in novels, steeped in subjectivity, in the inner life of their characters, could incite their women to romantic passions, to sinful situations, to the eroticism that threatened chastity and order.

These men feared that women would take the relationship between reading and practical experience to the limit and that reading would be for them a determinant of reality and vice versa, because for them, “assuming that you were in the place of an adulteress was almost as serious as practice adultery” (ABREU, 2002). It was necessary to watch over female readings and often ban them, as they were considered a trap for perdition.

THE WOMAN READER: REPRESENTATIONS

Romance literature itself, by representing its characters, novel readers, as vulnerable, dreamy, emotional, dissimulated, fed the male imagination with the archetype of moral transgression - adultery - embodied by Ema Bovary, a character in the novel *Madame Bovary*, by *Gustave* Flaubert, a “**reader who gets lost in reading**”. In this climate of suspicion and control, the world of reading and readers lived in the 19th century.

In Brazil, the entry of the sentimental novel takes place in the same period, at the end of the 19th century, with the romantic movement. The representation of the female reader, here in the tropics, “is perhaps best seen when looking between the lines of 19th-century novels where, through sighs, tears and evenings, Brazilian fiction writers paved the fragile history of their most fragile female readers” (LAJOLO, 2003, p. 247). About female readers, represented in the Brazilian fictional universe of the 19th century, Queiroz (1997, p. 94), from the perspective of gender studies, also draws attention to the game of representations in the speeches of Machado de Assis and José de Alencar, where the reading of novels was minimized “basically due to the readership, configured under two categories: that of men who read “**scientific and legal treatises**” and that of women who read foreign novels, serials and articles in family newspapers”.

For Lajolo (2003, p.247), in these authors, “we will find situations that leave the reader in a somewhat criminalized position, as if reading novels condemned the woman to the dock”. The revolt and dreams of female readers were attributed to French novels. Aloísio de Azevedo represents a character, in the novel **A condessa de Vésper**, whose books that “the protagonist reads negatively influence her way of life [...] among them, **La dame aux Camélias**”. Adolfo Caminha, writer from Ceará, author of the novel **A Normalista**, also represents a reader character who entertains himself with readings of forbidden novels. “**The Cousin Basílio**, by Eça de Queirós [who] introduces her to the world of sexuality.”

In the first decades of the 20th century until its middle, between the 1940s and 1960s, novels were sold to middle-class girls, in bookstores, through collections, whose greatest exponent was, without a doubt, the *Coleção Biblioteca das Moças* (Girls Library Collection), a collection of novels that became a very popular type of reading, mainly consumed by young women. These novels, generally set in France, were translated, and edited by Companhia Editora Nacional and offered for sale throughout the country, with extensive advertising, under the title *Coleção Biblioteca da Moças*, characterizing this literature as a “corresponding literature”. pink”.

The best-known authors in this Collection were a couple of French brothers who used the pseudonym M. Delly. Among the best-selling titles by this “author”, the books *Magali* (10th edition, 1956) stand out; *Nun* (6th ed., 1947), *My dress the color of the sky* (6th ed., 1960). These novels narrated the trajectory of exemplary girls, from childhood to marriage, in an atmosphere of enchantment and fantasy, typical of fairy tales, in which the curious reader was assured of the benefit of a happy ending. His successful formula obeyed infallible models,

whether dealing with a feeling dear to women, love, or showing a romantic imagery through descriptions of young, handsome, and rich characters, moving in a scenario attainable only by fantasy, by imagination.

A little further in time, in 1956, mid-twentieth century, in the novel **Gabriela, cravat and cinnamon**, by Jorge Amado, which takes place in the year of 1925, a representation of the female reader, is still based on a reading pedagogy for the female audience that submits it to the sieve of religious morality and prevailing social values. This reader is not granted the autonomy of choosing her readings, which are still protected by the male element: parents, brothers, priests, those responsible for establishing and maintaining morals and the social and religious order.

At home there is “The crime of Padre Amaro”. I picked it up to read it, my brother took it, said it wasn't reading for girls... -- the brother was a medical student in Bahia. **And why can he read, and you can't?** ---Malvina's eyes gleamed, that strange rebellious light. – **There is the crime of Padre Amaro, your John?** (AMADO, 1995, p.175, emphasis added).

The dialogue established between Iracema, one of the young students who frequent the Papelaria Modelo, and Malvina points to the non-exercise of the power to choose her readings, as well as to the transgressive character attributed to them. It also points to the character's rebellious nature, which is evident in her eyes when she browses a forbidden novel at Papelaria Modelo. A crime, read a realistic novel, the story of a Portuguese parish priest who becomes sexually involved with his hostess's daughter and has a son with her. The novel is a libel against provincial life and the social and religious hypocrisy of its time. “**The crime of Padre Amaro**”, by Eça de Queirós.

In times of another Brazil, in the 60's, in full military regime, the sentimental novels, by Corin Tellado, Spanish writer, known as we already know, as pink novels, were sold at popular prices, in magazine stands and **represented** the regime's great bet on the repercussion of certain values, which, from the perspective of the ruling classes, were considered consistent with the new social order. These novels helped to crystallize world views and model behaviors based on the uses of a romantic imagery that was appropriated by the Brazilian elites for the consolidation of an authoritarian system.

ONE FINAL...

The time has passed. Changes, advances, technologies. Changing times and advancing technology managed to change not completely the image surrounding the act of reading. Readers found other ways, and other ways of reading. Its representation in houses, libraries, parks, gardens, subways, distanced from all kinds of prejudice as to its form, style or authorship, does not exempt the fact that other issues permeate through reading.

Faced with the democratizing advances in the ways of reading, it remains for us to know and discuss the democratization and access to books and much more the conceptualization of the reader, which goes through issues ranging from the induction of choice and taste, access to the book, to legitimizing instances literary, social, political, economic issues. Sometimes concealing, sometimes explicitly, even oddly, the man/woman/reader/reader comes over time facing and finding other ways of reading, which, historically, have been added value and power, inclusion, and exclusion. Ways different from the past, other choices, are part of our reality today, virtual, and electronic, irreversible and versatile, which demands of us another, desacralizing posture.

To readers, not only the rosy novels and not only the classics, those that for Borges (1993, p. 206) do not have “[...] necessarily such or such merits [but for all], a book that the generations of men anointed for different reasons, read with previous fervor and with a mysterious loyalty”.

And resuming what we have highlighted at the beginning and so far, it is evident, and so Chartier (1992) considers, that reading as a historically situated social practice both builds new representations of the social and reverberates views consolidated by the dominant order. Inserted and inserted that we are, it is necessary that we have a historical, critical and analytical vision of the experience, of our formation as readers, so that we can, in another perspective, perhaps face the present life with more hope that, in new and multiple readers we can awaken the “previous fervor and a mysterious loyalty to the books” that, through us, reach their hands.

REFERENCES

- ABREU, M. **Diferentes formas de ler**. Unicamp, Campinas, 2002. Available in: <https://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm>. Access at: 9 mars. 2023
- AMADO, J. **Gabriela, cravo e canela**: crônica de uma cidade do interior. 77. ed. São Paulo: Record, 1995.
- BELO, A. **História & livro e leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- BORGES, J. L. Sobre os classicos. *In*: **Nova antologia poética**. Rio de janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- GINSBURG, C. **O queijo e os vermes**; o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.
- CHARTIER, R. (Org.) **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- LAJOLLO, M. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- LYONS, M. Os novos leitores no século XIX: Mulheres, crianças, operários. *In*: CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Org.) **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999.
- MANGUEL, A. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- QUEIRÓZ, V. Crítica, leitora, experiência. *In*: QUEIRÓZ, V. **Crítica literária e estratégias de gênero**. Niterói: EDUFF, 1997.